

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XLVIII

(Continuação.)

As salas começavam a ficar vasias.

Cada qual apressava-se em fugir de uma casa onde a alegria de uma festa podia tão rapidamente ser perturbada por semelhantes incidentes.

No momento em que Julieta ia transpor os degraus do primeiro andar, achou-se em presença do conde des Aiglades.

Estava este inquieto; andava de um para outro lado, não se atrevendo a fugir, embora se sentisse impressionado, como à aproximação de um perigo real.

— Ah! é o senhor! exclamou Julieta, dirigindo-se para elle com as mãos estendidas. Minha mãe?... onde está minha mãe?

— Ignoro-o.

— E' então verdade o que dizem?

— O que é que dizem?

— Que ella desapareceu... que uns miseraveis raptaram-na.

— E' verdade.

— E o senhor não estava ahi?... e o senhor não impediu?...

Julieta sentia o coração saltar-lhe do peito, e envolveu o conde em um olhar cujo fulgor elle não pôde sustentar.

Estava ella, porém, demasiado desassegada para se abandonar por muito tempo á sua indignação, e, recalcando no peito o odio que o enchia, correu para o aposento da condessa d'Orvado.

Tanta audacia espantava-a e tornava-a incredula... parecia-lhe que no quarto de sua mãe encontraria alguma explicação, uma carta, um bilhete, que mudasse aquelle rapto em uma partida precipitada, mas voluntaria...

A porta do quarto estava fechada; ella bateu repetidas pancadas.

— Sou eu! sou eu! abra!... disse com impaciencia.

A esse appello, a porta abriu-se, e, quando ella transpôz a soleira, avistou Polichinello, que lhe fazia imperioso signal para que se calasse.

Dera-se elle pressa, aliás, em tornar a fechar a porta logo que Julieta entrou.

— O senhor aqui! disse a moça com espanto; ignora então o que se está passando?

— Sei tudo, ao contrario, respondeu Polichinello.

— Minha mãe foi raptada.

— Eu estava no camarote da frente quando a scena se passou.

— Como assim?

— Oh! de uma maneira bem simples... A Sra. d'Orvado acabava de deixar-me; a conselho meu, tinha descido ao jardim afim de mandar preparar o mais depressa possível uma carruagem que devia transportá-la para longe daqui... Dispunha-me a espreitar-lhe os movimentos, por aquella janella, quando avistei tres homens postados justamente proximo do logar por onde ella devia sahir.

— E quem eram esses homens? Que pretendiam elles de minha mãe?

— Isso é o que mais tarde saberemos. Apenas avistaram-n'a, precipitaram-se sobre ella, applicaram-lhe uma mordaça e levaram-n'a pela porta que deita para os Campos-Elysios.

— E o senhor não correu em seu socorro? qual é o fim dessa violencia?

— Tinha eu pensado a principio que Louvet não era estranho á causa; mas, reflectindo bem... creio que elle nenhuma parte tem nisso.

— Quem será então?

— Didier.

— Que idéa!

Polichinello ia responder, quando subito pensamento lhe atravessou o espirito.

— Sim.... disse elle como se fallasse comsigo mesmo; é talvez o que ha de mais simples.

E, olhando para a moça bem de frente:

— Vejamos! disse-lhe em tom resoluto; quer tentar alguma cousa para achar sua mãe?

— Que é mister fazer?

— Acompanhar-me.

— Aonde iremos nós?
 — Oh! a um lugar que em nada se assemelha a este...
 — E encontrarei ahi minha māi?
 — Prometto-lh'o.
 — Então aceito! respondeu Julieta com voz firme. E, deitando um vēo á cabeça e uma capa aos hombros:
 — Vamos, senhor! vamos! accrescentou; e queira Deus que a minha esperança não seja vā!...

L

Deixámos Gontran no momento em que, gelada de susto, Julieta separava-se delle para ir em procura da Sra. d'Orvado.

Gontran ignorava o que se havia passado; mas, pelas palavras de Julieta, sentira-se possuido de vaga inquietação, e apressara-se em misturar-se aos grupos, na esperança de conhecer a causa dos rumores que lhe chegavam aos ouvidos.

Ora, enquanto elle assim vagava, interrogando ou escutando aquelles a quem encontrava, estranha e misteriosa aventura acontecia ao conde des Aiglades.

A noticia do rapto de Clotilde impressionara-o grandemente, e, se elle não houvesse acreditado a principio que era um boato falso, teria talvez começado por fugir, afim de pôr-se em segurança.

Desde os primeiros momentos, porém, tinha sido rodeado e interrogado pelos amigos; haviam feito circulo em torno delle, de modo que se achára na impossibilidade de sahir do palacete.

Encerrado nas salas, respondia a uns e a outros, dava ordens e dirigia as cousas, esforçando-se deste modo para de alguma sorte illudir os seus proprios terrores.

— Quando viu os convidados desapparecerem um a um, quando a febre, que se apoderára delle, acalmou-se um pouco e elle se viu quasi sósinho, ordenou a um lacaio que mandasse aproximar o seu coupé, e encaminhou-se para o terraço.

No terraço, porém, encontrou dous homens que lhe tomaram a passagem.

— Não se passa por aqui... disse um dos homens com relativa cortezia.

— Por onde é que se passa então? perguntou o conde sorprendido.

— Ignoro-o.
 — Eis o que é singular!
 — E' esta a ordem que temos.
 — Ordem de quem?
 — Tudo quando sabemos é que não se passa aqui.

O conde retirou-se.

A sua inquietação tinha augmentado; comprehendeu elle que era prudente não se demorar naquelles sitios.

Atravessou o vestibulo, alcançou a porta que dei-

tava para uma moita de lilazes, e ia descer os tres degráos da escada, quando viu erguerem-se na sua frente dous vultos.

— Não se pôde passar!... disse um desses dous vultos.

— Mas essa ordem não se pôde entender comigo! protestou o conde.

— Não sei! replicou aquelle que havia fallado.

— Entretanto...

— Entretanto... se quer sahir, vá dar-se a reconhecer áquelle que nos deu a ordem.

— Onde está essa pessoa?

— Está na estufa.

— Bem! lá vou ter.

E o conde voltou atras.

Surda irritação bramia-lhe lá dentro; a idéa do perigo desconhecido de que sentia-se ameaçado transformava-lhe o juizo, o sangue queimava-lhe as veias, cego furor precipitava-lhe as pulsações do coração.

Tinham-lhe dito que fôsse á estufa, e elle não ouava ir.

O melhor seria saltar por uma janella e ganhar os Campos-Elyrios atravez do parque.

Quando lhe ocorreu essa idéa, agarrou-se a ella, como se agarra a um tenro arbusto o homem que se está afogando e que a corrente fatal arrasta.

Entrou, pois, para o interior dos aposentos e chegou em poucos instantes á sala de armas, que dava precisamente para um cerrado de arvoredos onde não devia estar ninguem de vigia...

Correu para a janella; mas, quando ia alcançala, encontrou-se com um homem que fez um movimento e soltou um grito ao avistal-o.

Era Gontran!

O primeiro olhar que aquelles dous homens trocaram foi cheio de relampagos e de ameaças.

— Incommodo-o, talvez?... disse Gontran em tom ironico.

— A mim! respondeu o conde com altivez.

E, não se dignando travar uma conversação cuja sahida não queria prevêr, encaminhou-se para a janella e abriu-a.

Gontran seguia-o ccm o olhar.

— Tome cuidado, Sr. conde, disse elle então; pois devo prevenir-o de que ha dous homens postados sob essa janella.

— Senhor! exclamou o conde recuando um pouco. E' um insulto?...

— E' um conselho.

— Não os recebo senão de meus amigos.

— E tem razão para não me contar no numero desses ultimos.

O conde mordeu os labios a ponto de fazer sangue.

— Ah! o senhor se ha de arrepender dessa insolencia! murmurou elle fechando os punhos com furor.

— Só me arrependerei, respondeu Gontran, senão puder um dia punir a sua infamia!

— A sua bravura não se basêa senão na certeza da impunidade!

Gontran levantou a cabeça ao ouvir aquella injuria.

Havia em um canto da sala uma panoplia á que estavam suspensas varias armas de grande valor, e, entre outras, alguns floretes de combate, que estavam alli apenas para enfeite e de que jámais se haviam servido.

Os dous adversarios voltaram-se ao mesmo tempo para aquella panoplia, e, como se fôssem impelidos pela mesma idéa, precipitaram-se com impeto igual para os floretes, com os quaes se armaram.

— Em guarda! guarda, senhor! disse Gontran; e veremos se a coragem e resolução somente para raptar moças solteiras ou assassinar anciãos!

Em um abrir e fechar de olhos, os floretes tinham sido desabotoados, e os dous adversarios, com o olhar cruzado como o ferro, haviam começado o combate.

Durante alguns segundos, não se ouvio senão o ruido do aço de encontro ao aço... e a respiração ardente de dous peitos offegantes.

Gontran estava animado por cega colera.

Por duas vezes, a ponta do seu florete, rapida como o pensamento, passou atravez das paradas do adversario, e por duas vezes a lamina lhe penetrou algumas linhas na carne.

O conde, porém, não se moveu.

O seu rosto tornou-se um tanto mais pallido, as suas sobrancelhas se aproximaram... e elle apertou com mais força o punho do seu florete.

E só isso.

Nenhum cansaço, aliás, se lhe notava na physiognomia... sempre a mesma resoluta impassibilidade na fronte.

A começar daquelle momento, o seu jogo tornou-se mais sobrio ainda... seu olhar teve estranhos lampojos... e elle pareceu concentrar toda a sua attenção em um unico ponto.

O effeito daquelle novo manejo não se fez esperar muito... e dez segundos depois um grito de dor agudo se escapava dos labios de Gontran, que cahia banhado em sangue.

Selvagem alegria illuminou o semblante do conde des Aiglades.

Medonho sorriso contraiu-lhe os labios, e com a sua arma descarregou elle um ultimo golpe no peito de Gontran.

No momento, porém, em que ia feril-o, uma robusta mão agarrou-lhe no braço com tal força que elle foi constrangido a largar o florete.

Voltou-se, possuido de colera e medo ao mesmo tempo.

(Continua no proximo numero.)

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

I

DUAS HORAS DA MANHÃ

Duas horas da manhã acabavam de bater.

Os roncos cada vez mais medonhos do trovão, os clarões cada vez mais vivos dos relampagos, anunciam a aproximação de uma violenta tempestade.

Pesadas e gigantescas nuvens corriam como desenfreiados corseis na superficie do céo, e estendiam espesso véo entre o clarão da lua, as scintillações das estrellas, e a terra envolta em insondaveis trevas.

De vez em quando, os bruscos zigs-zags de um fulgurante relampago lançavam no meio da escuridão um jacto de luz branca e deslumbrante.

Distinguiam-se então as massas imponentes do castello de Vezay, antiga e grandiosa habitação senhorial, que era cercada por um enorme parque.

Parque e castello achavam-se situados na parte mais pittoresca e accidentada da rica e bella região da Turema.

E' ao interior desse castello que pedimos aos leitores queiram acompanhar-nos em a noite de 20 de Setembro de 1820.

Eram, repetimos, duas horas da manhã.

Uma unica das quatorze janellas praticadas, em cada andar, na vasta fachada de cantaria estava illuminada.

Era a janella da bibliotheca.

E, ainda assim, a debil claridade que scintillava atravez da vidraça velava-se de momento a momento, e parecia de algum modo intermittent.

Provinha isto de que um homem de elevada estatura, passeando a passos largos no compartimento de que tratamos, interceptava a luz todas as vezes que passava entre a lampada e a janella.

Esse passeante nocturno era o conde Carlos Henrique Ludovico de Vezay.

O Sr. de Vezay, fidalgo de antiga raça, de quarenta annos de idade, naquelle epoca, e de um porte notavelmente distinto, não podia, passar por um bello cavalheiro, mas havia na sua pessoa esse não sei que que logo inspira sympathia e que revela aos olhos menos experientes o homem de boa sociedade e o fidalgo.

Os cabellos, naturalmente anellados sobre uma

fronte sobranceira e altiva, eram de um negro sem mistura.

Olhos grandes, de um azul pallido, e um nariz comprido e aristocratico, que lembrava vagamente, pela sua curva um tanto exagerada, a forma do bico de uma ave de rapina, constituiam os traços distintivos de um semblante ossudo, muito corado, e a que as maçãs salientes davam o typo celtico e a physionomia altiva e um pouco selvagem que se encontra na maior parte dos habitantes do burgo de Batz, essa estranha aldeia vizinha do Croisic, na Bretanha.

Naquella occasião o conde estava pallido.

A violenta contracção de seu semblante, as suas sobrancelhas franzidas por cima dos olhos fiscantes, a feroz expressão de seus labios, annunciam que elle estava entregue a uma emoção qualquer violentissima.

A's vezes, vago e quasi sinistro sorriso roçava-lhe os cantos dos labios.

Já dissemos que elle passeiava de um para outro lado na bibliotheca, sala immensa, rodeada de altos e largos armarios cheios de livros de todas as épocas e de todos os formatos.

O vestuario do conde de Vezay correspondia perfeitamente á momentanea desordem de suas maneiras e de sua physionomia.

Consistia esse vestuario em uma jaqueta de caça de panno verde, cujos botões apresentavam em relevo cabeças de lobos e de javalis.

Por baixo dessa jaqueta, um collete de fustão branco, amarridotado e entreaberto, deixando vêr uma camisa de cambraia, cujos bofes, torcidos sem duvida por mão convulsa, estavam rasgados em diversos logares.

O conde estava de cabeça descoberta.

Não trazia gravata, e o collarinho de sua camisa cahia irregularmente sobre a jaqueta de caça.

Sua calça de ganga apertava-se sobre um sapato que ficava meio escondido em uma polaina da mesma fazenda.

De subito o conde estacou.

Inclinou a cabeça e prestou ouvidos.

Um ruido quasi indistinto, e todavia perceptivel ao seu ouvido de caçador, chamara-lhe a attenção.

Dir-se-hia o passo vagaroso, furtivo, abafado propositalmente, de alguem que se esforça para passar despercebido.

O conde esperou um momento.

Depois, quando se certificou de que não estava enganado, aproximou-se vivamente da porta.

No momento em que se dispunha para abrir-a parou de novo.

Tinham batido do lado de fora uma leve pancada.

— Entre, disse o conde.

Uma nova personagem penetrou imediatamente na bibliotheca.

Essa nova personagem, que merece as honras de rapida descripção, era um homem de alta estatura, um tanto mais idoso do que o Sr. de Vezay.

Seus cabellos espessos, bastante crespos, e an-

teriormente de um louro equivoco, estavam já grisalhos nas fontes e no alto do crâneo.

O seu semblante era de traços grosseiros e de pelle rugosa e queimada pelos ardores do sol.

Espessos bigodes sombreavam-lhe o labio superior, e a barba de um castanho avermelhado cobria-lhe toda a parte inferior do rosto.

Em summa, a primeira impressão produzida pelo aspecto daquelle individuo devia ser, e realmente era, desagradabilissima, e um exame mais detido augmentava essa repulsa em logar de diminuila.

Com effeito, o olhar da personagem que pomos em scena era um desses olhares falsos e fugitivos que raramente denotam instintos honestos e boa natureza.

Um jury composto dos mais inoffensivos burgueses sentir-se-hia disposto a condenar aquelle homem, só pela sua physionomia.

Apenas entrou na bibliotheca, parou.

Com a mão esquerda tirou respeitosamente o bonet de couro, feito em forma de cone truncado.

Com a outra apoiou no chão a coronha de uma curta carabina de cano raiado.

O feitio da sua jaqueta verde, as suas altas polainas de couro crú subindo-lhe acima do joelho, indicavam que aquelle individuo era um subalterno, que pertencia, na qualidade de couteiro, à criadagem do castello.

Não eram enganadores esses indícios.

O recem-chegado, fechou a porta depois que entrou.

Em seguida, tendo comprimentado, esperou, imóvel, mudo, impassivel.

— Ah! murmurou o Sr. de Vezay; ah! és tu... finalmente, Caillouet?

— Sim, Sr. conde, sou eu...

— Vens da porta do parque?

— Venho, Sr. conde.

— Estavas então no teu posto?

— Como sempre.

— Desde que hora?

— Desde as onze da noite.

— Ha alguma novidade?

— Sim, senhor conde.

— Ah! exclamou o conde com brusco estremecimento e mais terrivel contracção da physionomia.

Alguns segundos, porém, lhe bastaram para dominar completamente aquella emoção.

E prosseguiu, embora com voz menos firme:

— Viste alguem?

— Vi, Sr. conde.

— Alguem que entrava no parque?

O couteiro fez um signal affirmativo.

— Furtivamente? tornou o conde.

— Como um ladrão de caça, ou como um gatuno.

— E não era, entretanto, nem um gatuno, nem um ladrão de caça? murmurou o Sr. de Vezay.

— Nem uma, nem outra cousa, respondeu o couteiro.

— Seguiste-o?

— Segui-o, Sr. conde.

— Até onde?

— Até no castello.

— Sabes onde elle está neste momento?

— Sei.

— E... onde está?

— No quarto da Sra. condessa... respondeu sem a menor hesitação aquelle a quem o conde chama Caillouet.

(Continua no proximo numero.)